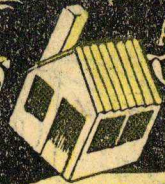
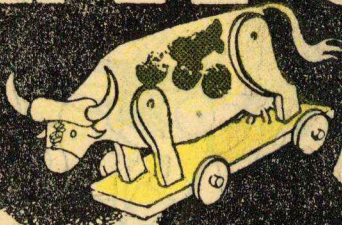


PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 644



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO
ARCINHO

O ZÉQUINHA e os PEIXINHOS

por ALBERTO NEVES

NUMA ribeirinha,
O Zéquinha
Pescava peixinhos.

Então, o Carlinhos
Dizia, a sorrir,
Quando o Zéquinha apanhava
Algum peixe:
— «Cuidado, ó Zéquinha,
Não deixe fugir
O peixe...»
E o Zéquinha respondia:
— «Descanse, Carlinhos,
Eu não deixarei
Fugir os peixinhos!...»

Porém,
Em dado momento,
Tão grande e tão forte fôra
O contentamento
Do nosso Zéquinha,
Que deixa fugir da mãozinha
Um peixinho...

— «Eu não
Lhe dizia?»
— Responde-lhe, então,
O Carlinhos.

— «Deixá-lo! ..
O outro lhe diz,
Eu pouco me ralo,
Pois tenho a certeza
Que se êle fugiu
Foi Deus que assim quiz...»

— «Porque é que diz isso?»
Volve o Carlinhos, surpreendido,
E o Zéca responde, sorrindo:
— «Estava aqui eu
Havia uma hora pescando;
Bastantes peixinhos...»

Talvez uns cinquenta!...
E unicamente êsse
E' que me fugiu...
Por isso, eu digo e direi:
— Foi Deus, foi Deus
Que me preveniu...
— Ele quiz demonstrar
Que eu não devia fazer
Tamanhas maldades,
Estas ruindades
Que estava fazendo,
pescando os peixinhos...

Portanto, eu já vou
Libertá-los a todos,
A todos, coitados!...

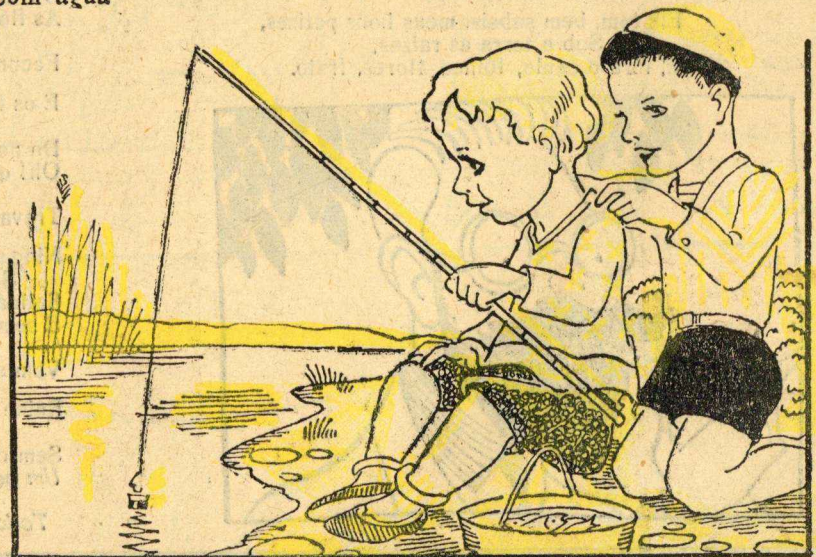
O Carlinhos concordou;
E o bom Zéquinha
Pegou
Na latinha
Com água

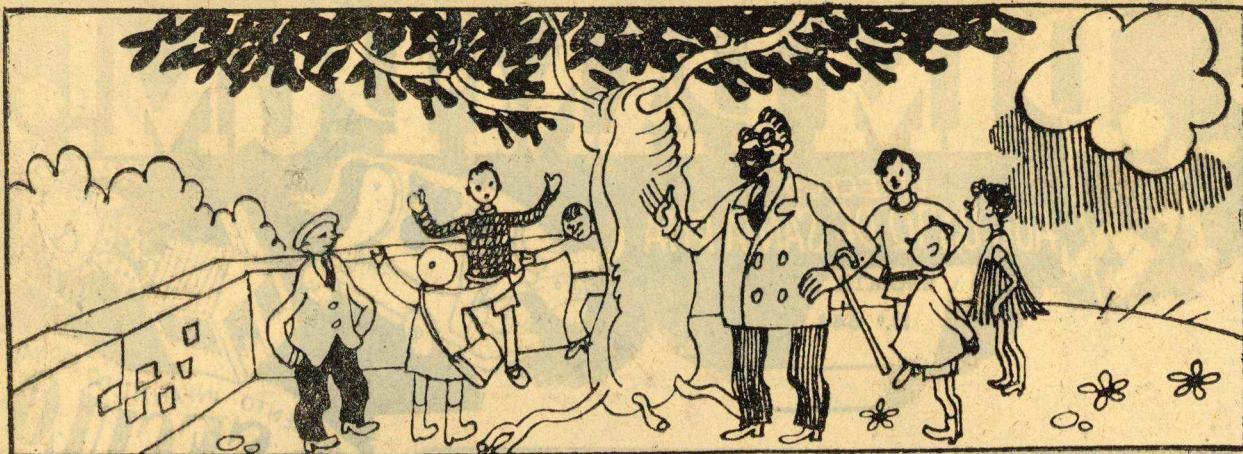
— A tal que continha
Os prisioneiros... —
E' pela ribeira,
Com todo o jeitinho
E carinho,
A lata tombou;
E os peixes, contentes, então
Ei-los que lá vão!

Estava cumprida
A vontade
De Deus:
Dar Liberdade
Aos peixinhos...

Dado o exemplo Ele tinha;
E êsse exemplo foi seguido
Pelo nosso bom Zéquinha.

F I M





A SOLIDARIEDADE

Por JOSINO AMADO

— «**Q**UE linda está a tarde! — o mestre disse,
E se a gente saísse,
No campo a dar a última lição?»
— «Vamos lá, vamos lá!» disseram todos.
Os risos são a ródos,
Canta nas almas a satisfação.

E lá seguem formados, dois a dois,
Pelo campo, depois,
Passam junto duma árvore frondosa.
A seguir, as mãos dando em volta dela,
Alegre canção bela
A petizada canta jubilosa.

O canto terminou. Seguidamente,
O professor, contente,
Mandou fazer silêncio e disse assim:
— «Árvore linda, á tua sombra espessa,
A multidão travêssa,
Silenciosa, há-de ouvir-me até ao fim.

Nesta planta que tem já muitos anos,
Palpitam, soberanos,
Os exemplos que eu tinha para dar!
Neste seu viço em que murmura a aragem,
Vive a mais pura imagem
De solidariedade singular.

Ela tem, bem sabeis, meus bons petizes,
Sob a terra as raízes,
E, fóra o caule, fôlhas, flores, fruto.



Olhai os ramos! Vede, meus meninos,
Grandes, grossos e finos,
De tantos que ela tem mal os computo.

As folhinhas, então, são aos milhares,
Espalmadas nos ares,
Em várias direcções, aqui e além.
E, quando as tem, quantos milhares de flores,
Com suas lindas côres
Ela ostenta gentil como ninguém?

E os seus frutos formosos, sumarentos,
São aos centos, aos centos!
Quem mos dera, p'ra vo-los ofrecer!
Pois tôdas estas partes, muitas, várias,
Trabalham solidárias,
Cumprindo cada qual o seu dever.

A raiz segue o seu destino obscuro...
Do negro solo duro,
Tirando os alimentos, leda, vai.
O tronco leva a seiva a tôda a parte
E, bondoso, a reparte,
Com o cuidado e a devoção dum pai.

As fôlhas, quais pulmões, vão respirando
Sem um murmúrio brando,
E transpiram também, se é necessário.
As florinhas, seus lúbricos desejos
Em carícias, em beijos,
Fecundam cada qual o seu ovário,

E os frutos medram, cheios de beleza,
Tornando-se em riqueza
Do nosso amado e lindo Portugal:
Oh! que grande labuta, tanta, tanta,
As partes desta planta
Travam numa harmonia divina!

Ninguém as ouve... Tôdas sôbre a terra,
Sem ódios e sem guerra,
Solidárias, trabalham como irmãs.
E sempre o Sol e sempre a roxa aurora,
Unidas, como agora,
Vem encontrá-las tôdas as manhãs.

Reine também em vós, ó mocidade,
A Solidariedade,
Sem contendas, invejas, nem rancor.
Um por todos, trabalhe diligente,
E, reciprocamente,
Todos por um, trabalhem com amor!»

AQUELE PINTO TONTINHO...

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

O pintaíinho picou a casca e olhou para fóra. E o que viu?! Uma coisa que o fez estremecer de medo, e lhe pareceu a cousa mais feia que se podia vêr!

Um grande bico — o da sua mãã galinha — que o espreitava lá do cima. Então, o pintinho decidiu encolher-se muito encolhidinho, outra vez, dentro da casca, para não tornar a vêr aquela cousa tão feia! A postura da galinha, só faltava aquele pintinho para nascer.

Todos os outros já pipilavam, debaixo das suas asas, muito espertos, cheios de vida.

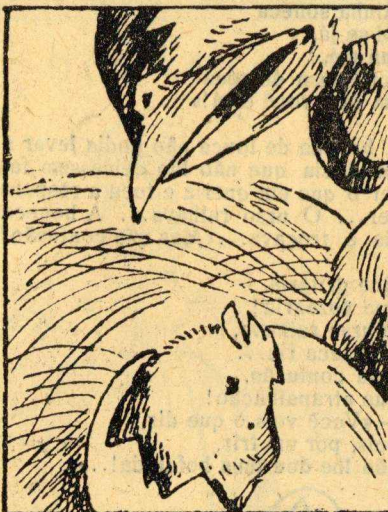
Porque seria que o teimoso não queria aparecer à luz do dia?

Nisto pensava e repensava a senhora galinha, intrigada porque já tinha visto luzir, lá dentro, os olhinhos do menino pinto...

Dava mostras da sua impaciência, batendo as asas, piando, lamentosa, para chamar a atenção da caseira.

A mulher, também intrigada com o caso, o que fez?

Deu liberdade à galinha, que logo se



espanejou no chão, muito satisfeita, com a ninhada á roda.

Pegou, então, no ovo, abriu-o e tirou de lá o pintinho.

— «Hás-de viver, quere queiras, quere não!», exclamou, acarinhando a sua penúgem macia.

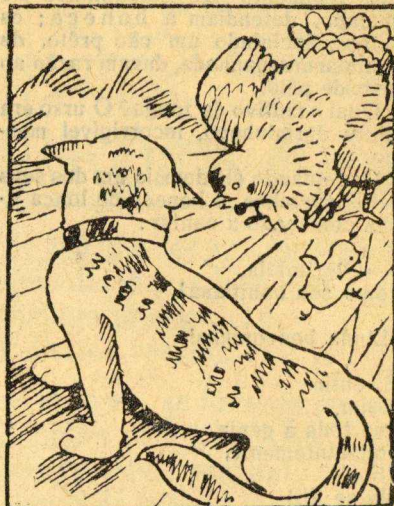
Meteu-o, logo, numa criadeira. Ali, começou a viver o nosso pintinho.

Comia, bebia, dormia, aconchegado no bom calor que o foi desenvolvendo lindamente.

Um dia, estava êle no bebedouro bebendo delicioso a água fresquinha, quando quedou, espantado. Nela via reflectida uma cousa feia, muito feia: — o seu bico! que era, tal qual, em ponto pequeno, o da mãã galinha que êle avistara uma vez!

Mas tinha ainda sede e percebeu que, sem essa cousa tão feia, não poderia engulir!

Depois, teve fome e percebeu que,



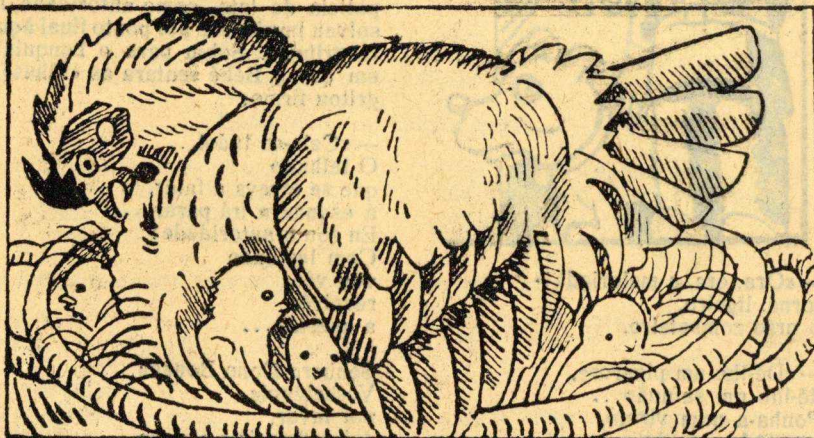
sem essa cousa tão feia, não poderia comer! A caseira veio, olhou-o e disse: — «Vais para o ar... Já estás um pintinho igual aos teus irmãos.»

E levou-o para junto da mãã galinha. Esta fixou, admirada, aquele filho que ainda não conhecia, mas logo o adoptou, dando-lhe uma terna bicada maternal.

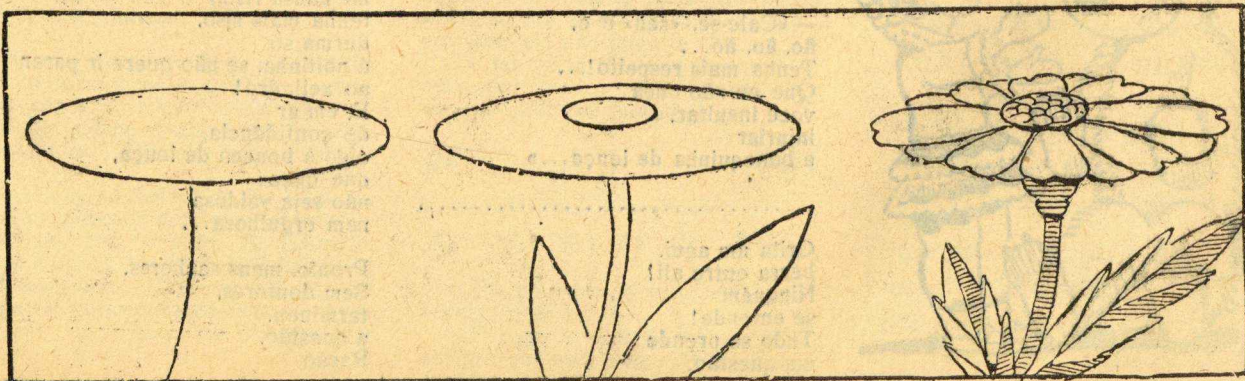
O pintinho já não teve nenhum medo e pensou: — «Se não fôsse a tal cousa tão feia, não tinha eu apanhado um beijinho tão bom!»

O atrevido do gato maltês passou ali e zás... veio dar-lhe uma sapatada. Vai a mãã galinha, em defesa do

(Continua na página 5)



L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um malmequer

NA CASINHA dos BRINQUEDOS

Por MARIA da CONCEIÇÃO LOURINHO

REINAVA uma grande confusão na casa dos brinquedos: — a boneca de louça zangara-se com o urso de pêlo e os restantes habitantes daquele recinto reservado aos «bonitos» da Bébé, dividiam-se em duas opiniões: as bonecas, desde a nossa «Miosótis» á «Violeta» muito moreninha, o gato de peluche e um regimento de soldadinhos de chumbo, defendiam a boneca; os outros, incluindo um cão preto, de dentuça arreganhada, davam razão ao urso de pêlo.

Qual o motivo da zanga? O urso era muito dorminhoco, incorrigível mesmo.

Ora quando ele dormia um dos seus belos soninhos, a boneca de louça tinha começado a cantar:

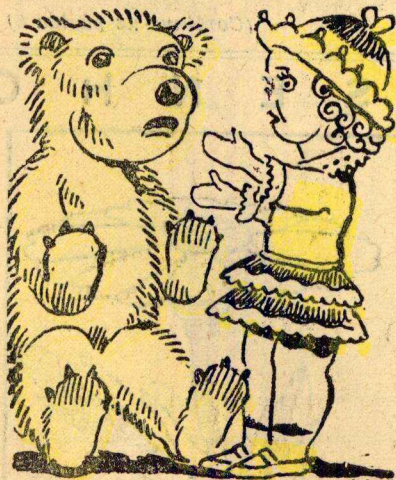
— «Olarilolela,
como sou bonitinha!

«Linda bonequinha!»

É, enfim,
assim,
que tôda a gente,
constantemente,
diz,
olá se diz!
Meus olhinhos,
redondinhos,
são azuis;
meu cabelo louro
é ouro,
meus vestidos,
garridos,
são tafuis...
Que bom é,
olaré,
ser-se bonita,
catita!»

Acordara o urso com esta melodia e daí nascera a questão.

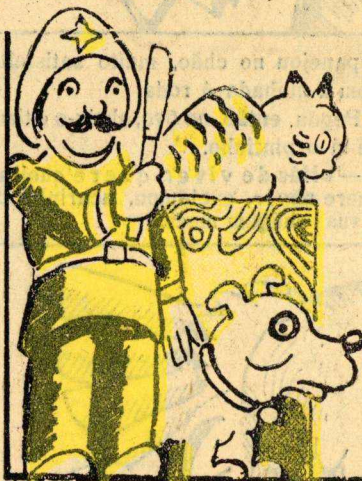
— «Cale-se, malcriada



sua descarada!
Minha soneca
foi-se já,
sua má,
por causa da séca
em que você está!»

A boneca de louça não podia levar á paciência que não lhe deixassem fazer o que ela queria e toca a responder... O urso ralhava... A boneca ria e troçava... Mas que confusão!

Que gritaria,
que vozearia!
O urso ralhava,
a boneca ria...
Que confusão,
que atrapalhação!
— «Você veja o que diz,
pois, por um triz,
não lhe dou uma bofetada!...»



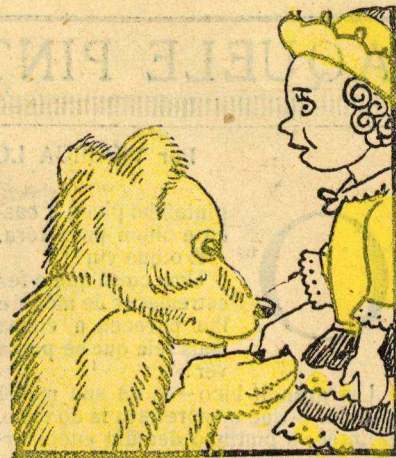
— «Ora, ora, a malcriada!»
torna, ligeiro,
o urso zombeteiro.

— «Dê-lhe um piparote,
dê-lhe um safanão...
Ponha-a num virote,
tem tôda a razão...»

Aconselhava o cão preto... e respondia o gato de peluche:

— «Cale-se, «seu» c o,
ão, ão, ão...
Tenha mais respeito!...
Que eu não ouça
você insultar,
injuriar
a bonequinha de louça...»

Grita um aqui,
berra outro ali!
Ninguém
se entende!
Tudo se prende
em questão,



em confusão...
Ui, que berraria!
Ui, que gritaria
lá vai na casinha
dos bonitos
pequenitos
da Bébé...
*
*

Que feia é a desordem, meus meninos! Cada um grita para seu lado e nada se faz... Quando os meninos se zangam, aparece a mãizinha que tudo esclarece, não é verdade?

Pois na casinha dos brinquedos «algum» se impôs e como lá não havia uma linda mãizinha, mesmo boneca, o polícia de lata, como autoridade, resolveu impôr-se e pôr ponto final áquela gritaria. Subiu para o banquinho em que a Bébé sentara as «filhas», e gritou firme:

— «Cale-se tudo!...
O telhudo
que se atreva a falar,
á esquadra irá parar...
Eu sou a autoridade!
Com lealdade
vou vêr,
resolvêr
a questão...»

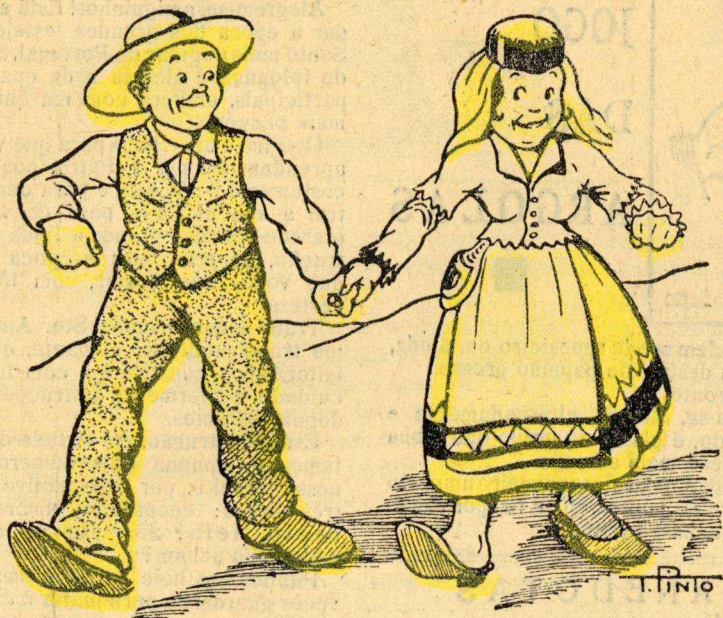
Senhora Dona Boneca,
Vosselência,
por favor,
deixe dormir a soneca
ao compadre urso de pêlo.
E o senhor
(só vê-lo
me causa riso.)
tenha mais siso,
durma só
á noitinha, se não quere ir parar
ao xelindró!
E, em ar
de confidência,
digo à boneca de louça,
que ouça:
não seja vaidosa
nem orgulhosa...»

Pronto, meus senhores.
Sem doutores,
terminou,
a questão.
Razão



COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS DO DOURO



Terra, bendito tesouro,
Onde tudo é doiradinho...
De ouro o sol e de ouro o vinho...
Douro de ouro, tudo de ouro!

Eles com seus chapeirões,
calças largas, botifarras,
fazendas grossas e charras,
risonhos e folgazões.

Elas com ar maneirinho,
blusinhas com folhos brancos,
lenço, chapéu e tamancos,
saia, avental e bolsinho.

ninguém
a tem!
Como cavalheiro,
senhor urso,
beije, ligeiro,
a mãozinha
bonitinha
de Dona Boneca
e peça-lhe perdão,
do coração,
por lhe ter chamado «séca»!

E tudo acabou em bem. Lembra-me
até de ouvir dizer ao gato de peluche,
com seu ar de filósofo — (se os meni-
nos não sabem o que é ser filósofo,
 Perguntem á Mãezinha ou ao Papá):

— «Nada há melhor do que a Paz...
mesmo feita por condescendência!

Falava bem o gato. A desordem
nada adianta, só faz mal! A harmonia
é a mais bela coisa, não só entre os
bonecos tarecos da casinha dos brin-
quedos, como entre as pessoas, nas
próprias casas.

AQUELE PINTO TONTINHO...

(Continuação da página 3)

seu filhinho, bicou, com tôda a fôrça
o maroto do gato.

Foi desde então que o menino pinto
ficou convencido de que aquela cou-
sa tão feia, era duma grande utilidade,
pois sem ela não poderia viver.

E a tal cousa tão feia passou a ser
uma cousa muito bonita, no entender
daquela pintinho tontinho!

F I M

A N E D O T A

— Oh, pequeno, porque estás tu a
berrar dêsse modo?

— Porque a mamã, me dá bôlos,
sempre que eu choro: — ih!... ih!...

OS NOSSOS CONCURSOS ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



Se um dia fôr um guerreiro,
Que defenda a lusa grei,
Inimigo prision....
E f'ridos respeit....

— Pois eu, se fôr enfermeira,
A pobre vencido, exangue,
Hei-de salvar prazent....
Dando do braço o meu s.....!

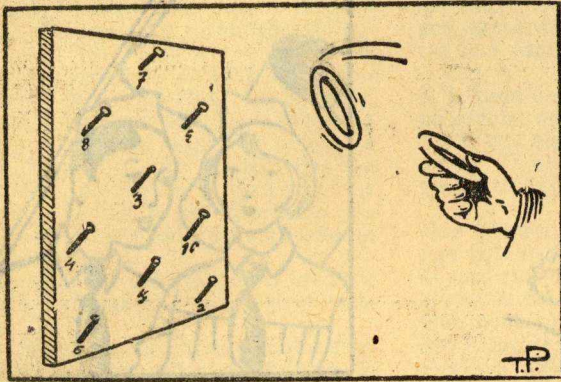


Lembrem-se as pessoas
tôscas,

Devotas da grosseria,
«Vinagre não caça m.....»
Nem de noite, nem de d..!

E por isso, ó mocidade,
Dêste florido rincão,
Que reine a civili....
Dentro do teu cora...!

Curiosidades



JOGO DAS ARGOLAS

A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR A 3 CORES

Alegrem-se, amiguinhos! Está a chegar a época dos grandes festejos ao Santo mais popular de Portugal, época de folgança e alegria e da qual vós participais, embora com um quinhão mais pequeno.

O «Pim-Pam-Pum» para que vocês aprendam a amar a Pátria nos seus costumes e tradições, e para demonstrar a sua amizade para convosco, oferece-vos uma grande e linda construção, própria para a época e de que vocês irão gostar, com toda a certeza.

Trata-se dum trono a Sto. António, um trono moderno, elegante, que os leitorzinhos construirão com todo o cuidado, conforme as instruções que depois daremos.

Esta construção, em virtude do seu tamanho, apanha dois números do nosso jornal e, por esse motivo, terá três cores: encarnado, amarelo e preto. Hein? Simplesmente formidável, não acham?

Publicamos hoje a 1.ª fôlha, que vocês guardarão para juntar à da próxima semana e começarem, então, a construí-la. As indicações do modo de armar, serão publicadas também nesse número.

Vamos, hoje, ensinar aos nossos pequenos amiguinhos um joguinho, que, além de ser interessante, é fácil de fazer.

O seu material é simples: uma tábua ou, melhor ainda, a tampa duma barrica, na qual se espetam uns pregos na disposição da figura, com números por baixo e umas argolas que

até podem ser de reposteiro ou, ainda, à falta destas, de papelão grosso.

E pronto. Joga-se, depois, alternadamente e atirando, é claro, ao prego que tenha o número mais elevado.

O jogador que fizer primeiro um certo número de pontos, 50 ou 100 por exemplo, ganha a partida.

A O ESPELHO

Queridos amiguinhos:

Se se querem rir um bocado, recomendo-vos que façam a seguinte experiência:

Coloquem-se diante de um espelho, com um papel na frente, e um lápis na mão. Olhando «exclusivamente» para o espelho, tentem desenhar um quadrilátero com as respectivas diagonais.

Dou-lhes um doce se forem capazes de o traçar, sem graves atrapalhadas. Mas nada de fazerem falcaturra: é de rigor que não tirem os olhos do espelho.

ANEDOTAS

No liceu:

— «É impossível que tenhas feito sózinho estes exercícios.

Quem te ajudou a fazê-los?»

— «Ninguém».

— «Não acredito. Teu pai, não te ajudou?»

— «Não senhor; foi êle que os fez todos».

CURIOSIDADES

O papel foi inventado em Pádua, no século catorze.

O primeiro telégrafo sem fios foi produzido por Marcóni em 1896.

FRANQUEZA

O conde para o seu novo criado:

— «João vai ao meu quarto... Na gaveta da direita do meu guarda-roupa está...»

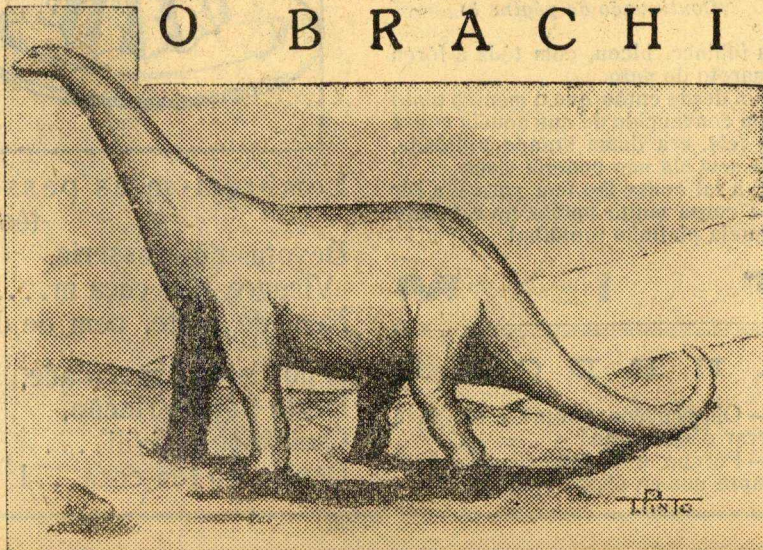
— «Uma caixa de charutos».

O conde admirado:

— «Como os achastes?».

— «Excelentes, sr. conde, excelentes!»

O BRACHIOSAURIO



Conseguiram os sábios, depois de muito trabalho e aturados estudos, reconstruir o esqueleto desse estranho bicharoco, a que deram o nome de «Brachiosáurio», o qual viveu há milhares de anos.

Era de proporções gigantescas, talvez o maior dos monstros anti-diluvianos, e alimentava-se, segundo afirmam, de vegetais.

Sabendo-se que a alimentação vegetariana é pouco substancial, tanto assim que os animais herbívoros mais corpulentos têm, como o boi, por exemplo, de comer muito para se manter, podemos calcular as enormíssimas quantidades de vegetais precisas a este avantajado bicho, para não ficar com fome.

Era, segundo parece, anfíbio, isto é podendo viver na terra e na água, e durava centenas de anos.

No meio de tudo isto, temos a agradecer a Deus o vivermos numa época em que eles já não existem.

Eram uns péssimos contemporâneos, não acham, meus amiguinhos?

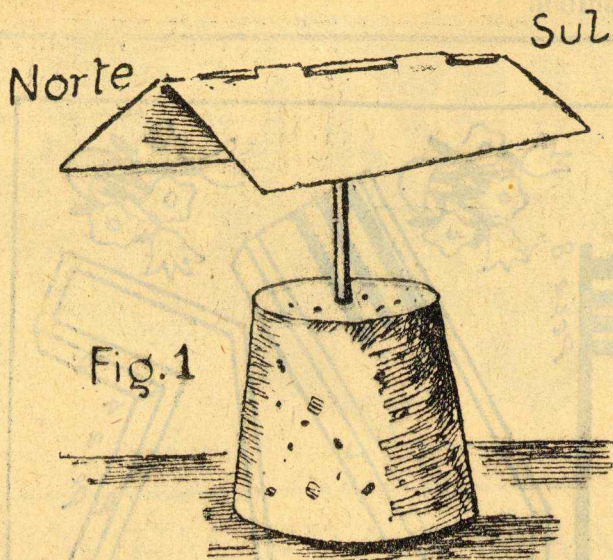


Fig. 1

COMO SE CONSTRÓI UMA BÚSSOLA

■
POR
D R . X

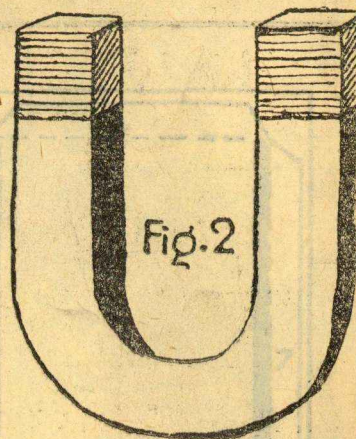


Fig. 2

Para construir uma bússola, é necessário uma agulha, (tamanho médio), uma rôlha de cortiça, um pedaço de papel e um alfinete (Fig. 4).

É preciso magnetisar a agulha, o que se consegue friccionando-a com um íman (Fig. 2). Coloca-se a agulha em cima duma mesa e passa-se sôbre ela o íman, sempre no mesmo sentido, umas cincoenta vezes, levantando de cada vez o íman. Depois, numa tira de papel de uns sete centímetros de comprimento, por três de largura, dobrada ao meio, prega-se a agulha, seguindo a dobra e na forma indicada na fig. 3. Em seguida, crava-se, no centro duma rôlha e pela cabeça, um alfinete grande, procurando que fique completamente vertical. O papel, já com a agulha posta,

completa o aparelho, collocando-o em equilíbrio, horizontalmente, sôbre a ponta do alfinete (fig. 1).

Deve-se dobrar o papel, formando um ângulo de 90 gráus e os lados da dobra devem estar voltados para baixo. A agulha, depois de bem equilibrado o aparelho, mover-se-há por si mesma, marcando a direcção Norte-Sul.

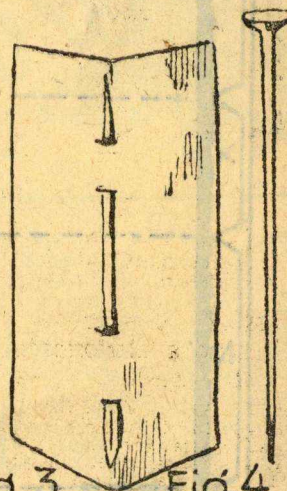
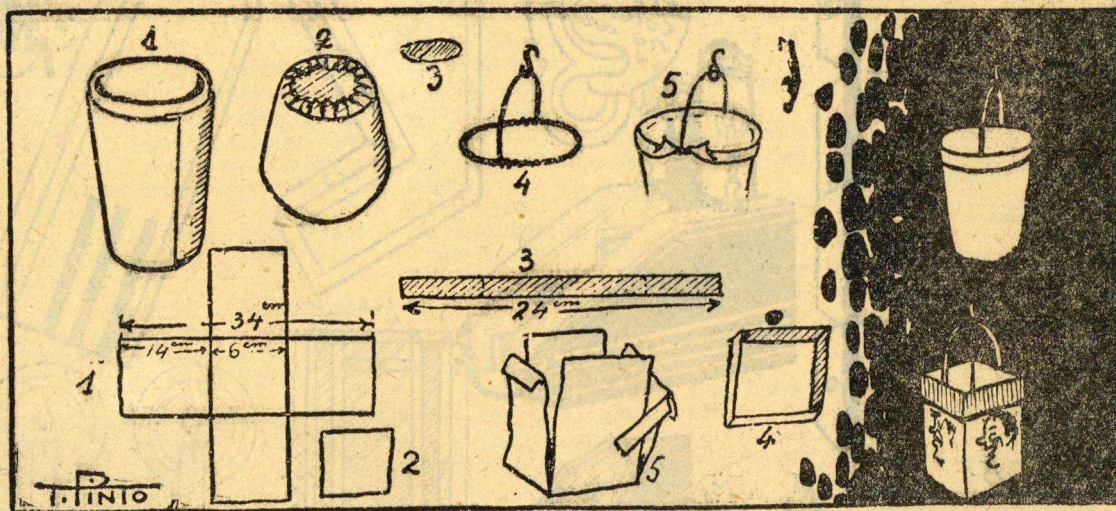


Fig 3

Fig. 4



COMO SE FAZEM BALÕES para o SANTO ANTÓNIO

Vejam aqui como se constróem, dum modo simples, os balões com que Vocês «reinarão» na noite de Santo António. O de cima faz-se da seguinte maneira:

Arranjam um copo que seja grandinho e façam uma rodela de cartão do tamanho do fundo e assentem-no no mesmo.

Enrolem, então, uma tira de papel de seda, da côr desejada, em redor do copo, e colem-no. Fig. 1. Em seguida, colem também o papel na rodela de cartão que serve de fundo, dobrando-o como fazem nas farmácias. Fig. 2.

Colem, também, uma rodela de papel sôbre estas dobras para que se não vejam. Fig. 3, e tirem o copo. Façam, agora, uma armação de arame, fig. 4 e colem-no na parte superior do balão,

dobrando o papel para fóra, como se vê na fig. 5. E nada mais. Com um coto de vela, fareis o resto.

Quanto ao segundo, é feito do seguinte modo:

Recortem, num papel de côr, uma cruz das dimensões da que está representada na gravura e também um quadradinho de cartão que colar pão no meio da cruz.

Dobrem, agora, os quatro bocados de papel para cima, e colem as pontas dos mesmos numa tira de cartão, dobrada e colada também. Figs. 3, 4 e 5. Um arame preso dum lado e doutro da tira e uma vela, acabarão o balão que, para ficar mais interessante, pode levar umas caras ou outra qualquer decoração nos 4 lados.

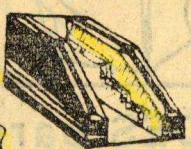
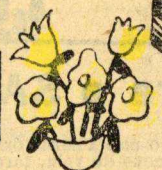
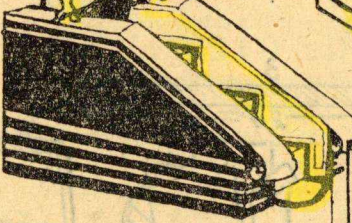
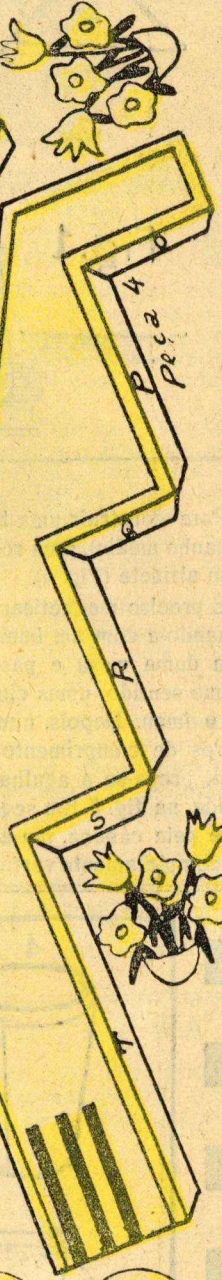
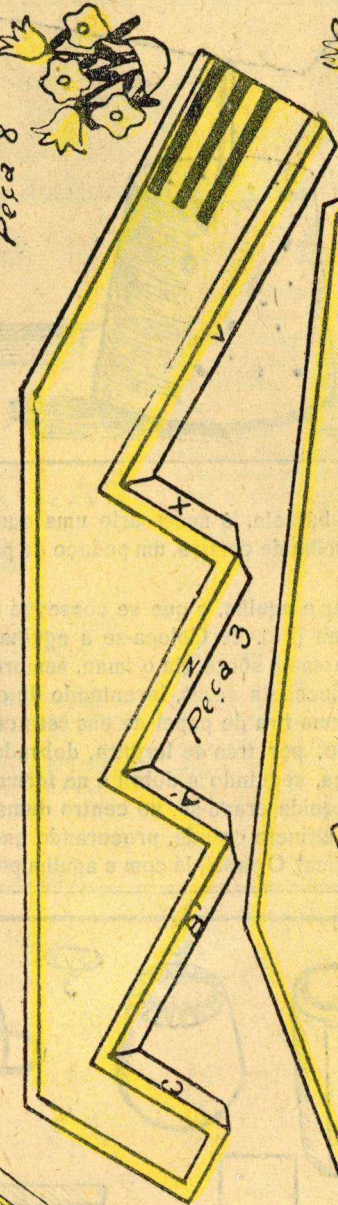
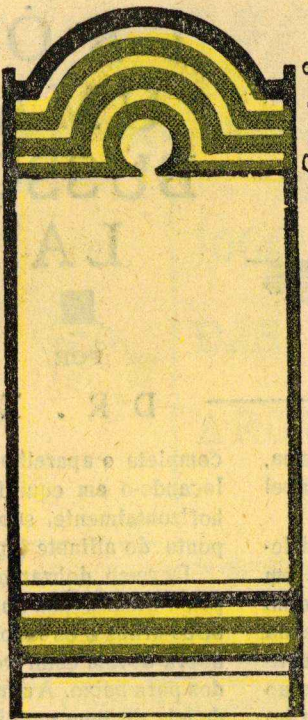
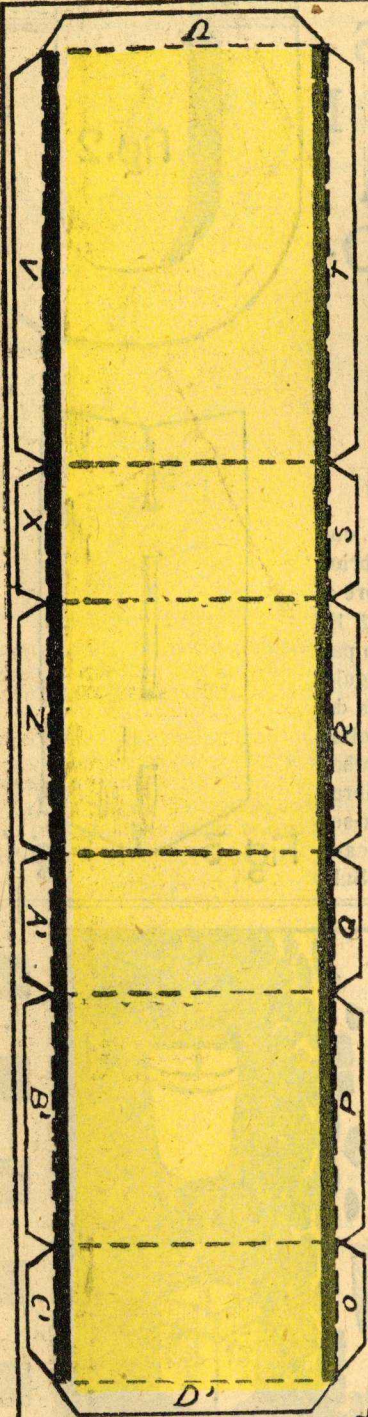


Fig. III

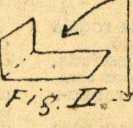


Fig. II

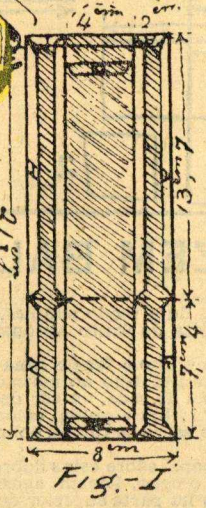
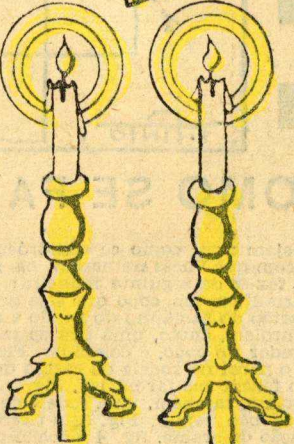


Fig. I



UM TRONCO

1ª folha

por TAVARES PINTO